

REVISTA

BULUNGA

Ano 1 - nº 1 - fevereiro de 2022

Entrevista com

EVANDRO MESQUITA

o mago da Banda Blitz

e mais

Diário de um Confinamento

Papo Cabeça
com Jorge F. Isah

O Humor morreu?

Spoilers

Curiosidades

Piadas

Nostalgia

Crônicas



Editorial

Bulunga era o apelido de um menino que detestava ser chamado assim. E nós o chamávamos, é claro, pois era exatamente isso que tornava o bullying gostoso. Ops: não posso falar que era gostoso, senão a coisa complica para o meu lado. Apaga. Shift+Del.

Na verdade, o termo nem existia, e os meninos faziam o que poderia ser chamado "zoação". E um zoava o outro, e o outro zoava o outro, às vezes saíam uns tapas, chutes e socos, depois viravam amigos de novo e a vida seguia o seu rumo, sem essas frescuras de hoje.

Está tudo muito chato e complicado nessa "era de aquários", que os hippies acreditavam que seriam tempos de paz e amor, mas o que vemos acontecer é exatamente o contrário. Foi assim que resolvemos assumir a utópica missão de salvar a pátria e o mundo com a nossa Bulunga.

Bulunga é nome de uma comida e uma bebida africana, e também já foi título de livro de Pedro Bloch, "Bulunga – o Rei Azul", que não li. O nome tem uma sonoridade agradável e pode ser utilizado em diversas ocasiões. Por exemplo, em um discurso exaltado, o ativista político grita "bulunga!", deixando a multidão extasiada. Ou você está batendo um prego com o martelo, acerta o dedo e grita "bulunga", e o alívio é imediato. Ou então o namorado sussurra "bulunga" no ouvido da namorada, que instantaneamente enrubesce as suas faces. Uau! Esse termo "enrubescer" é antigo. Ninguém usa mais isso.

Bulunga pode ser empregado em diversas situações, seja como interjeição, adjetivo, sujeito, predicado, apostrofo, vocativo, objeto direto ou indireto e até mesmo como índice de indeterminação do sujeito. E tem ainda a capacidade de despertar uma nostalgia boa de um tempo em que ainda existia o humor, o gosto pela leitura e por um entretenimento saudável, sem os ranços dos dias atuais.

Talvez muitos não se lembrem da revista "Seleções, de Reader's Digest", da revista Manchete, da Revista MAD, dos Jornais Pasquim, Casseta Popular e Planeta Diário, entre outras publicações que marcaram época, e assim resolvemos reunir uma miscelânea de estilos e conteúdos, evitando engajamentos políticos, tentando colocar cultura, humor e entretenimento em um só lugar, para o deleite das velhas e novas gerações. Espero que gostem do resultado, ou se calem para sempre.



SOCORRO: DE QUE LADO EU FICO?

Assumir uma posição política, nos dias de hoje, pode se tornar um negócio arriscado. Qualquer que seja a escolha, significará fazer inimigos por onde ande, pois está tudo muito dividido, as pessoas estão magoadas, ressentidas e ferozmente engajadas com suas causas perdidas. Tudo se torna proibido, reprovável, censurável, denunciável, tudo é tabu: o certo se torna errado, e o errado, certo.

Para um familiar, a descoberta de um panfleto do partido governista escondido entre os papéis na mochila, ou uma simples "curtida" em uma postagem na página das redes sociais de um oposicionista pode representar uma crise sem precedentes, sendo mais aceitável o menino chegar da escola infantil e gritar: "papai, mamãe, cortei o meu pipiu e virei menina".

Política, nos tempos atuais, desperta mais paixão do que o futebol, e o resultado são batalhas piores do que o confronto de Corinthians e Palmeiras em final de campeonato, com os fanáticos dispostos a quebrarem tudo, por qualquer que seja o motivo. Dá para acreditar que um dia os brasileiros saberiam os nomes de todos os Ministros do STF, e também de deputados, senadores e principalmente dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal? E não é pelo mérito desses senhores: muito pelo contrário.

É um ranço que vai muito além da questão de classe social, opção sexual ou cor da camisa (ou bandeira). É um ódio despertado por frustrações de um passado de fracassos, ou pela falta de perspectiva de um futuro promissor. Nessas situações, o melhor a fazer, para quem não deseja tomar umas cacetadas de bobeira, é tentar manter uma aparente imparcialidade, o que pode não ser tão fácil, tomando-se como pressuposto que se você não é a favor, é contra, e diante de provocações gratuitas de ambos os lados.

Uma sugestão que fazemos é que sempre que se vir envolvido em um desses conflitos, assuma uma postura catatônica, arregalando os olhos e a boca e deixando escorrer uma grossa baba, até que alguém tome a iniciativa de levá-lo ao hospital, encerrando, assim, a discussão.

O HUMOR MORREU



Acabou o humor: ele morreu e foi enterrado em uma cova rasa, sem honrarias. Os humoristas ficaram órfãos, os artistas em geral não sabem mais como agir, não entendem o que podem ou não podem falar, pois tudo agora pode parar nos tribunais. Era até mais fácil nos tempos da ditadura militar, pois os censores eram um tanto quanto burros e dava para enganá-los com relativa facilidade. Na pior das hipóteses bastava virar a noite na cadeia e tomar uns bons “cascudos”. Já os sujeitos envolvidos em movimento armado, esses, sim, sumiam, mas não era o nosso caso. Nós éramos de paz. Queríamos apenas mudar o mundo. Quanta inocência!

Molière (1622-1673) dizia que “os mais severos golpes da moral são, em geral, menos eficientes que os da sátira”. E ele conquistou a realeza com as suas comédias, na corte de Luis XIV, por entender que poderia corrigir os vícios da sociedade por meio da risada.

Nos tempos atuais, o humorista pode ir preso por qualquer motivo, e até mesmo sem motivo, por prazo indeterminado, sem processo, sem chance de defesa, e assim pode perder a sua fonte de renda, os seus

bens, a sua família, a sua dignidade, e ainda corre o risco de servir de mulherzinha na cadeia.

Ah, o saudosismo! Nós crescemos assistindo “A Praça da Alegria” (que depois virou “A Praça é Nossa”), “A Família Trapo”, “A Grand Família” (a original), “Chico City” (que depois virou “Chico Anysio Show”), “Os Trapalhães”, “Satiricon”, “Faça Humor, Não Faça Guerra”, e mais tarde “TV Pirata”, “Casseta e Planeta” e até mesmo o “Pânico na TV”, entre outros, que se acaso ainda fossem transmitidos, seriam certamente censurados pela patrulha dos “politicamente corretos”, ironicamente formada por perversos fiscalizadores da moral lheia.

O que sobrou para o público? Alguns poucos programas que basicamente só exploram piadas de duplo sentido de conotação sexual, além do “Big Brother”, que não é cultura, que não é comédia, que não é entretenimento, que não é nada, cujos participantes apenas fazem fofocas e se embolam debaixo dos edredons.

Mas aqueles que conhecem a figura mitológica da “Fênix” podem ainda alimentar uma esperança: o humor há de renascer.

SPOILERS

Você está doido para obter alguma informação sobre aquele filme que sempre repetem na TV por assinatura e, principalmente, saber o seu final? Pois agora não precisa mais esperar! Nesta coluna você irá se divertir com os comentários deste especialista em tirar o prazer dos cinéfilos.

Quem já assistiu “Cópias – De Volta à Vida”, um filme de 2018 que está no catálogo da Netflix, com o ator Keanu Reeves? Não assistiu? Então vou contar. É a história de um neurocirurgião que resolve fazer uma importante experiência para “ressuscitar” a memória de pessoas mortas, no caso, um policial que havia acabado de empacotar.

O Keanu, ou melhor Will Foster, usa um capacete que permite que ele faça uma coreografia maluca com comandos manuais como se fosse um maestro de orquestra em uma tela virtual, projetada alguns centímetros à sua frente, que nem no filme Minority Report. Foi até bom citar esse filme, estrelado por Tom Cruise, para falar da semelhança dos dois intérpretes: ambos são absolutamente inexpressivos. Mesmo nos momentos mais tensos, eles mal conseguem arregalar os olhos e levantar uma das sobrancelhas. Não sei qual é melhor.

Mas vamos voltar ao experimento: a ideia é passar a memória do policial morto para um robô que tem um cérebro com a capa transparente com luzinhas de árvore de natal em seu interior, e aí o negócio parece funcionar.



O robô começa a falar, todos se emocionam (menos eu), mas logo ele começa a arrancar as partes do seu corpo e ameaça quebrar o pau, mas eles conseguem desligar o bicho. O chefe chega, dá uma bronca no neuro, diz que não vai levar adiante o projeto, essas coisas que vocês já devem ter visto em outros filmes de ficção científica.



É óbvio que o Keanu/Will não vai obedecer, mas ele resolve sair de viagem com a mulher e os três filhos e, adivinhem: todos morrem em um acidente de carro, menos o Keanu, ou melhor, Will.

Deu para adivinhar o que vem depois? É claro que sim: obcecado com a ideia da perda da família, ele pega a mulher e os três filhos, chama um colega de trabalho para ajudar, leva todos para um galpão no fundo da sua casa e resolve CLONAR todos eles, ou melhor, quase todos: não tinha equipamentos suficientes, e aí a filha mais nova se lascar e ficou de fora.

Vou dar agora uma adiantada, pois essa parte é muito chata. Ele consegue clonar a mulher e os dois filhos, colocando cada um deles em tanques individuais, e em questão de dias, 17 para ser mais preciso, eles já saem da máquina exatamente com a idade e o tamanho de como eram antes do acidente.

Só faltava saírem vestidos e penteados, a mulher maquiada e com as unhas feitas.

Porém, algumas coisas se complicam, o chefe fica cobrando a ausência dele no laboratório, os corpos clonados ficam lá em suas camas, sem nenhuma reação, que nem a cara do protagonista, mas no final



O chefe queria o algoritmo da experiência e adiantou que, caso o outro não entregasse, mataria toda a família dele, não sei pra quê isso, talvez por malvadeza mesmo, pois nem precisava.

Esqueci de dizer que antes disso a mulher desconfia que algo estranho estava acontecendo, e o marido vai e confessa tudo, sem mesmo precisar arrancar um fiozinho de cabelo do seu antebraço, e ele confessou tudo, na tora, com aquela sua cara inexpressiva: "você morreram". E ela aceitou tudo, numa boa, chorou um pouquinho, mas nem questionou muito a perda da filha que foi colocada para escanteio.

das contas ele consegue implantar consciência nas cacholas dos três, só que ainda precisa apagar a lembrança da filha mais nova, o que resolve teclando alguns comandos no notebook.

Então ele resolve sair catando as fotos da menina espalhadas pela casa, os desenhos dela, as roupas, etc., mas em momento algum pensou que quando os familiares recobrassem a consciência, os vizinhos e parentes perguntariam por ela. E aí? Com a cara mais abestalhada do mundo eles indagariam: quem?

Mas deixa pra lá, o plano deu certo por algumas horas ou dias, ele voltou à vida normal e parece que até conseguiu dar um catraco na esposa morta, ou ex-morta. Só que pouco depois os clones começam a ter alguns flashes da morte, mas o neurocientista deu umas explicações bestas para eles e ficou pot

Will Foster consegue passar sua própria memória clonada para um robô, que mata o chefe e seus capangas, que pouco antes tinham matado o seu amigo alcaguate. Inexplicavelmente, o herói coloca o



capacete na cabeça do chefe vilão e extrai a memória dele, mas se esquece do amigo. E que "amigo"! Na sequência, ele pega um cartucho que continha a memória da filha que havia se lascado, em um baú que estava largado em um canto.

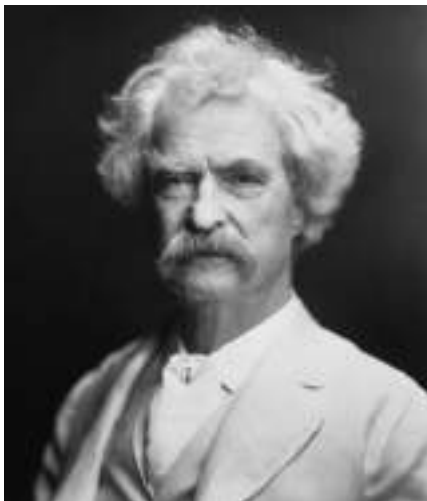
Na cena final, o robô que tem a memória clonada do Keanu/Will assume o seu lugar no laboratório, sob o comando do ex-chefe vilão, agora clonado em carne e osso, e passa a vender clones rejuvenescidos para velhinhos milionários em Dubai.

Do outro lado do mundo, em uma praia paradisíaca surge o Keanu de surpresa, de mãos dadas com a filhinha mais nova que havia se lascado, e ela corre para os braços da mãe. Agora podem chorar.



isso mesmo.

E aí, de repente, aparece o chefe, todo mudado, acompanhado de uns capangas, porque ficou sabendo de tudo sobre a experiência que o tal amigo o alcaguetou, e agora quer tirar uma grana extra do negócio. Foi então que o protagonista Keanu, ou melhor Will, descobriu que na verdade o chefe dele era um grande vilão e a empresa não era tão humanitária quanto ele pensava.



Mark Twain, pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens, nasceu no Missouri, na Flórida, em 1835, e morreu aos 74 anos, tendo escrito uma vasta obra, mas foi conhecido mundialmente pelos romances "As Aventuras de Tom Sawyer" e "As aventuras de Huckleberry Finn", sendo aclamado por William Faulkner como "o pai da literatura americana". A ele são creditadas várias frases, que reproduziremos a seguir:

Mark Twain

1

"Vamos agradecer aos idiotas. Não fosse por eles não fariamos tanto sucesso."

3

"Toda vez que você se encontrar do lado da maioria, é hora de parar e refletir."

14

"Primeiro, informe-se dos fatos; depois, pode distorcê-los o quanto quiser."

13

"Geralmente levo mais de três semanas a preparar um discurso de improviso."

4

"Nunca discuta com pessoas burras, elas vão te arrastar ao nível delas e ganhar de você por ter mais experiência em ser ignorante"

2

"Os políticos são como fraldas: eles devem ser trocados frequentemente e pela mesma razão"

11

Em questões de estado, cuide das formalidades e pode esquecer as moralidades.

5

"Uma consciência limpa geralmente é sinal de má memória."

7

A gente não se liberta de um hábito atirando-o pela janela: é preciso fazê-lo descer a escada, degrau por degrau.

15

"O homem que não lê bons livros não tem nenhuma vantagem sobre o homem que não sabe ler."

6

"Se um amigo te pede dinheiro, pensa bem qual dos dois prefere perder: o dinheiro ou o amigo?"

12

"Sanidade e felicidade são uma combinação impossível."

8

"A arte de viver consiste em conseguir que até os agentes funerários lamentem a tua morte."

10

"Eu nunca permiti que a instrução escolar interferisse na minha educação."

9

"Nada precisa tanto de reforma como os hábitos dos outros."

É DOS CARECAS QUE ELAS GOSTAM MAIS?

crônica de Michel Salomão



A moda agora é os caras tatuarem a careca com milhares de pontinhos para fingir que aquela esquesitice é cabelo raspado com máquina zero. Mas fica muito ridículo: a linha toda certinha na testa, parece que riscada com uma régua, e ninguém tem a formação do cabelo assim. Fica mais ou menos igual aquelas mulheres que desenham duas lascas de fita isolante preta no lugar das sobrancelhas e acham que estão abafando.

Esses modismos são muito esquisitos. Mas vamos falar dos carecas, que dizem que elas gostam mais. É mentira! Certamente que não gostam. Imaginem George Clooney com uma bela testa infinita. Ou Brad Pitt com aqueles fios ralinhos, puxados lá de dentro da orelha, atravessando toda a pista do aeroporto de muriçocas e colados com gel, para tentar disfarçar o desastre.

Agora imagine esses dois galãs com uma barriguinha saliente. Conseguiu imaginar? Poderiam fazer muito mais sucesso do que já fazem. Preciso contar um segredo para vocês: dos barrigudinhos elas gostam. Gostam sim! Uma imponente barriga consegue transmitir uma imagem de sucesso, de comida boa e bebida farta, muitas festas, muitos almoços e jantares em restaurantes chiques, hotéis cinco estrelas, viagens pelo mundo. Mulher gosta de passar fome? É claro que não! Gosta é de fazer regime, mas não de miséria. Porém, eu disse "barrigudinhos" e não "barrigudões". São coisas totalmente diferentes. Tem cara que parece estar grávido de um hipopótamo. É indecente! Fico pensando como conseguem deixar crescer a coisa daquele jeito.

Mas vamos voltar à questão dos carecas. Tenho um amigo que morre de vergonha de ser assim. O cara é até boa pinta, só que é tão acabrunhado que isso atrapalha as suas conquistas. Nunca namorou por conta disso e desconfio que até hoje é virgem. Ele se encolhe todo quando tocamos no assunto da careca,

e é claro que nós sempre tocamos no assunto em nossos encontros, e vale dizer que todos do grupo somos carecas, ou melhor, fomos presenteados pela natureza com belos outdoors ambulantes.

Um dia ele me viu dançando todo solto em uma festa e comentou que achava carecas não deveriam dançar, pois era uma coisa ridícula de se ver. É claro que, sacana como sou, fui até lá e puxei o tímido à força, para o meio do salão, e ele foi obrigado a dar uns passinhos esquisitos, enquanto todos aplaudiam. Deve ter me odiado naquela hora.

E não é que deu certo? Acabou a noite com uma garota razoavelmente bonita, bem mais nova do que ele, coisa que jamais aconteceria se ele não fosse jogado no meio daquele salão e com isso chamasse a atenção das pessoas, mas ele acabou não dando o "xeque-mate" na menina, pois era tão complexado que achava que as mulheres só se aproximariam dele por interesse.

Acontece que ele nem era tão rico assim; talvez tivesse um pouco mais de dinheiro do que nós, todos casados, com filhos e despesas muito altas, e ele sozinho, mal gastava dinheiro, não viajava, não comia fora, não comprava roupas nem bebia, muito menos torrava grana com mulheres ou drogas. E assim sobrava muito cash. Comprou até um Porsche preto, que chamava muita atenção por onde passava, mas quando descia do carro parecia pedir desculpas, porque devia imaginar que as pessoas se decepcionariam ao vê-lo descer do carro com aquela sua careca reluzente, em vez de uma bela cabeleira esvoaçante.

Mas ser careca é legal, pois economiza xampú, cremes, pente, secador, salão, sem contar que tá na moda exibir o capacete todo raspado, contrastando com os músculos salientes, que nem esses fortões do cinema, como o Dwayne Johnson. E é por isso que os caras fazem as tais tatuagens, para fingirem que são carecas por opção.

O problema é que não sou nada fortão, e talvez não seja tão fácil ficar assim, pois detesto academia, e assim vou me conformando com minha pelagem escassa, sem maiores remorsos. Também posso ficar esperando por um milagre que faça nascer cabelos. Isso pode não demorar tanto. Mas apelar para essas tatuagens, jamais! Enquanto isso, vou vivendo numa boa.



SÉRGIO PORTO E O SEU FEBEABÁ



Sérgio Porto, ou melhor, Sérgio Marcos Rangel Porto, ou melhor ainda, **Stanislaw Ponte Preta**, pseudônimo que costumava utilizar e com o qual ficou mais famoso do que o próprio autor, nos apresentou, em pleno Regime Militar, com o Festival de Besteiras que Assolam o País, uma criativa e irreverente coletânea que falava o que não se podia dizer, retratando cotidiano do país onde era proibido contrariar a burrice das autoridades enfardadas.

Uma das características de suas publicações era simular noticiários, com os temas mais absurdos que se possa imaginar, fingindo que era coisa séria, o que foi por muitos imitado posteriormente.

O seu jornal "A Carapuça" teve apenas oito edições, encerrado prematuramente com a sua morte, aos 49 anos, em 1968, de um infarto fulminante, um autor que deixou uma extensa obra que falava do cotidiano da sociedade carioca (e do Brasil), com personagens como Primo Altamirando, Tia Zulmira, Rosamundo, entre outros, reunidos em nove livros, cinco deles assinados com o seu pseudônimo, além de roteiros para programas humorísticos de televisão, peças de teatro e centenas de crônicas publicadas em diversos jornais e revistas.

Morreu antes da edição do AI-5, e assim, apesar dos problemas que já encontrava com a censura, não chegou a ser perseguido ou torturado, a mesma sorte não tendo alguns de seus contemporâneos.

O mais interessante é que o seu semanário "A Carapuça" serviu de modelo para o famoso jornal "O Pasquim", esse sim, um declarado opositor ao regime militar, idealizado pelo cartunista Jaguar

e pelos jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral (o pai do famoso prefeito-bandido), e que mais tarde ganhou a adesão de famosos como Ziraldo, Millôr Fernandes, Miguel Paiva, Henfil, Paulo Francis, mas este assunto será objeto de outro artigo, em breve.

Sérgio Porto era um profissional sério, apesar de debochado, trabalhava uma média de 15 horas por dia e escreveu para rádio, TV e jornais. Irritado com os escritores de colunas sociais, lançou a edição de "As Certinhas do Lalau", onde destacava as personalidades "mais bem despidas da sociedade", normalmente vedetes e artistas da época. Ele também criou uma série de frases famosas e geniais que aqui procuraremos destacar:

"Ninguém entende de mulher, nem o diabo. Se ele entendesse, não tinha chifre."

"Capitalismo é a exploração do homem pelo homem. Socialismo é o contrário".

"Macrobiótica é um regime alimentar para quem tem 77 anos e quer chegar aos 78".

"Basta ler meia página do livro de certos escritores para perceber que eles estão despontando para o anonimato".

"O sol nasce para todos. A sombra é para quem é mais esperto".

"Há sujeitos tão inábeis que a sua ausência preenche uma lacuna".

"Difícil dizer o que incomoda mais, se a inteligência ostensiva ou a burrice extravasante".

"A prosperidade de alguns homens públicos do Brasil é uma prova evidente de que eles vêm lutando pelo progresso do nosso subdesenvolvimento".

"Homem que desmunheca e mulher que pisa duro não enganam nem no escuro".

"Lavar a honra com sangue suja a roupa toda".

"A melhor coisa na televisão é o botão de desligar".



Sérgio Porto

Entrevista

Os jovens de hoje talvez não tenham noção do que foi o sucesso da BLITZ no início dos anos 1980. Ninguém poderia deixar de ir à praia sem cantar “visual do litoral, é surreal, que lindo”... ou ir a uma festa e não tocar “você não soube me amar”, ou “estou a dois passos do paraíso”, entre outros hits que estouraram naquela época. Foi um estrondoso sucesso, em uma época que o Brasil passava por um regime militar, quando tudo era proibido, ser feliz era improvável, e a Blitz surgia como uma explosão de alegria e irreverência, muito antes de outro fenômeno, os “Mamonas Assassinas” ou de qualquer outro grupo que veio depois. Mas **Evandro Mesquita** não é só Blitz: ele despontou no teatro, com a inesquecível trupe “Asdrúbal Trouxe o Trombone”, que lançou outros monstros do humor na TV como Regina Casé e Luiz Fernando Guimarães. Na televisão, foram incontáveis os sucessos, mas seria impossível esquecer o papel de “Paulão da Regulagem”, do seriado “A Grande Família”, onde interpretou o mecânico cheio das malandragens, que sempre se associava a Agostinho Carrara, famoso personagem incorporado por Pedro Cardoso. No cinema, atuou em OS NORMAIS – O filme, onde interpretou Sérgio, um marido atrapalhado que havia acabado de se casar com Vani (Fernanda Torres), às voltas com um casal não menos atrapalhado, Rui e Marta, vividos por Luiz Fernando Guimarães e Marisa Orth. Não dá para entender como todo esse sucesso não fez a sua cabeça, pois ele mesmo responde as mensagens do Instagram, concede entrevistas, fala com aquela sua voz e sotaque inconfundíveis, com a tranquilidade e o bom humor carioca, levando a vida numa boa, um dia de cada vez.



EVANDRO MESQUITA

o mago da Blitz



BULUNGA - Evandro Mesquita, são 40 anos de estrada com a banda Blitz, um dos maiores fenômenos musicais do Brasil. Mas todos sabem que você cobra escanteio, corre para a área, cabeceia, defende e ainda apita o jogo. O que lhe dá mais prazer: cantar, atuar em cinema e tv, escrever, dirigir, ou tem algo mais?

EVANDRO MESQUITA - Pois é, é assim que eu entendo a arte, como um todo. Eu aprendi a entender o mundo assim, com as histórias em quadrinhos, com as crônicas do Stanislaw (Ponte Preta), as músicas do Moreira da Silva, do Roberto Carlos, Beatles, Stones, e o teatro veio primeiro, porque a música era muito difícil, o acesso às gravadoras, a rádio, só depois quando comecei a ganhar força, e a gente começou a compor em português é que sentimos que o underground estava explodindo e querendo um espaço para gravar, para tocar no rádio, então ter uma banda me dá um muito prazer e poder atuar em coisas legais também é gratificante.

EVANDRO MESQUITA - Quando foi que você falsificou a sua identidade para falar que tem 69 anos? Ouvimos dizer que você tem 42...

BULUNGA - Essa coisa de “calendar”, de botar dias e anos, assim, nunca fui fã, sou meio índio, quanto a infância, fase adulta, velhice, o negócio é seguir, enquanto estiver dando prazer é ir tocando o bonde: enquanto tiver bambu, tem flecha.

BULUNGA - Qual o seu personagem preferido na TV: Paulão da Regulagem de "A Grande Família" ou Sérgio, de "Os Normais"? Ou tem outro?

EVANDRO MESQUITA - O Paulão eu fiquei durante 9 anos, quase 10 anos e era muito legal, muito divertido, um jazz, a gente tinha uma margem para improvisação, e o elenco todo, a produção, a direção, estavam todos acostumados com aquele universo, e as coisas fluíam bem, brotam assim, de uma maneira natural. É super legal. O Sérgio também, de os Normais, foi um prazer gravar com o irmão Luiz Fernando, a Mariza, com a Fernanda, foi um prêmio maravilhoso. Adorei fazer.



BULUNGA - Qualquer um pode você conversando com as pessoas no Instagram, você comenta, responde às perguntas, dá entrevistas numa boa, na maior simplicidade, como está fazendo agora, para o primeiro número de uma ainda desconhecida revista, que é a Bulunga: o sucesso nunca subiu à sua cabeça?

EVANDRO MESQUITA - Essa coisa de sucesso, sei lá, é resultado da sua luta, do seu talento. Mas também não dá para ficar subindo no salto alto, se achando mais ou menos. Sou também um operário da arte e é muito legal ver as pessoas curtindo você, elogiando, trocando opiniões. Não posso deixá-las no vácuo, como diz a minha filha menor.

BULUNGA - Quais são as maiores diferenças que você percebe entre o momento artístico em que iniciou a sua carreira, no final dos anos 70 e o atual?

EV ANDRO MESQUITA - Na época que a gente começou era muito difícil ter acesso à televisão, a uma gravadora, à rádio, tinha ditadura, censura, e o jovem não tinha voz nem vez, e a gente conseguiu meter o pé nessa porta e escancarar com as vendas maravilhosas que a blitz conseguiu já no primeiro compacto, num momento de crise de mercado, a gente vendeu mais um milhão e 500 mil discos, e a gente conseguiu ficar com esse handicap para continuar na estrada, pousar, fazer shows, em lugares inusitados como a Apoteose, o Canecão que não era muito palco para essa música contemporânea que a gente estava fazendo, para os jovens.



Agora as portas estão abertas, todo mundo quer ter uma banda, descobrir um cantor, e você pode gravar um disco de qualidade no computador da sua casa, e não precisa daqueles estúdios enormes com equipamentos da Nasa. Agora é mais difícil veicular, achar o seu público no meio de tantas opções musicais. É um outro barato. A gente é meio dinossauro e apanha um pouco, mas continuamos fazendo da velha e boa maneira, tentando usar as ferramentas atuais e perguntando para as crianças qual é o caminho.



BULUNGA - Qual a sua filosofia de vida? No que acredita? O que o conforta? O que lhe dá esperança?

EVANDRO MESQUITA - A filosofia de vida não sei, acho que é o aqui e o agora. Você tem que ter prazer no que está fazendo, tem que ter uma troca legal com o pessoal da banda e com o público. Isso é muito importante para manter a chama acesa. A vontade de querer continuar na estrada fazendo shows. Às vezes me perguntam: você fica nervoso? Eu fico apavorado de tocar para 5 pessoas ou para 100 mil, e esse friozinho, essa adrenalina não pode morrer nunca, senão a gente para. Então esse frescor de querer mostrar uma música nova, um show, um disco novo, é bom estar sempre aceso em você.

EVANDRO MESQUITA - Eu acredito na vida, na natureza, nos índios, em Deus, nos santos, em todas as religiões que propagam o amor. Essa é a busca legal, você estar sempre a “dois passos do paraíso”. Essa procura pelo paraíso é a grande viagem. Me conforta a solidariedade, o amor, a ciência, a natureza, pisar descalço na natureza, mergulhar no mar, andar na natureza, no rio, ficar com os amigos, com a família: esse é o grande lance. A esperança também é uma motivação para você acordar a cada dia, tentar consertar, melhorar,



BULUNGA - Com essas confusões na política, você chegou a ser "cancelado"? Perdeu amigos por conta dessa confusão toda?

EVANDRO MESQUITA - Claro que com essa polarização a gente teve algumas discussões com os amigos – com os amigos burros (risos) -, mas não dá para aceitar o jeito como está se tratando essa pandemia, com a cultura marginalizada, enfim, qualquer mudança será bem melhor. Mas sou otimista, sou centroavante e quero meter gol, para o nosso time ganhar.



BULUNGA - Se não fosse morar no Rio de Janeiro, você aceitaria morar em outro lugar?

EV ANDRO MESQUITA -Eu moraria em qualquer outro lugar que tivesse mar. Mas tem muitos lugares bonitos no Brasil. Vários. Vários. Eu acho que me adaptaria e viveria tranquilo.



BULUNGA - Como você espera ver o seu retorno a Belo Horizonte, em março/22, para esse público apaixonado pelo seu trabalho?

EVANDRO MESQUITA - Belo Horizonte é um lugar especial. A Blitz sempre fez shows nesse lugar muito legal e espero encontrar esse público, um público novo também para a gente mostrar o que a gente já fez e o que anda fazendo. O nosso disco de 2017, um disco de inéditas chamado “Aventuras 2” foi indicado ao Grammy Latino e então isso mostra que a banda está super viva, atuante, produzindo, e queremos mostrar essa fase para o pessoal de Belo Horizonte, de Minas Gerais, que a gente sempre teve um público maravilhoso e amigo. Estamos loucos para mostrar esse show para o pessoal de Minas.

VOCÊ SABIA?

Você não pode se matar prendendo a respiração.

É impossível lamber seu cotovelo.

É fisicamente impossível para os porcos olharem para o céu.

Cada Rei em um baralho representa um grande rei da história. Espada – Rei Davi, Paus – Alexandre o Grande, Copas – Carlos Magno, Ouro- Júlio César.

O único alimento que não apodrece é o mel.

A American Airlines fez uma economia de \$40,000 em 1987 eliminando uma azeitona de cada salada servida na primeira classe.

Cleópatra não era egípcia, mas grega

O isqueiro foi inventado, em 1823, antes do fósforo, que só foi inventado em 1826.

Como as impressões digitais, as impressões da língua são únicas.

Os piratas usavam o tampão em apenas um olho para melhorar sua visão noturna.

Ficar acordado por 2 semanas pode te matar.

A Anatidaefobia é o medo que um pato esteja observando você

O abridor de latas foi inventado 48 anos após as próprias comidas enlatada.

Vacas conseguem subir escadas, mas não conseguem descer.

Marco Polo trouxe da China o espaguete.

O recorde de voo de uma galinha é de 13 segundos

A baleia assassina é, na verdade, um golfinho

O pênis do homem é 3 vezes maior que o seu polegar.

Com base nessa informação você acabou de tirar a medida de seu polegar

Se puser um saco de plástico com água em cima de uma fogueira o saco de plástico não derrete, sendo uma boa forma de ter água quente num acampamento sem grandes complicações.

Einstein nunca foi um bom aluno, e nem sequer falava direito aos 9 anos. Seus pais achavam que ele era retardado.

Comer uma maçã é mais eficiente que tomar café para se manter acordado.

É impossível espirrar com os olhos abertos.

Em 1997 o governo de Hong Kong matou e incinerou 1,3 milhões de galinhas na tentativa de eliminar o vírus da gripe, que tinha matado quatro pessoas e causado o terror de uma epidemia.

Na idade média, a maioria casava-se no mês de junho

(início do verão no hemisfério norte), porque, como tomavam o primeiro banho do ano em maio, em junho o cheiro ainda estava suportável

Nenhum pedaço de papel pode ser dobrado ao meio mais de 7 vezes.

O microondas foi inventado quando um cientista atravessou um radar e um chocolate derreteu no seu bolso.

O peixinho de aquário que viveu mais tempo tinha o nome Fred e tinha 41 anos.

O Sol é 330.330 vezes maior que a Terra.

As unhas da mão crescem aproximadamente 4 vezes mais rápido que as do pé.

Botanicamente falando, a banana é uma erva e o tomate é um fruto.

Cruzar os braços ajuda a pensar melhor.

Os bebês conseguem engolir e respirar ao mesmo tempo.

Os destros vivem em média 9 anos a mais do que os canhotos.

Rir durante o dia faz com que você durma melhor à noite.

Os romanos usavam urina como enxaguante bucal.

Diário de um Confinamento

crônicas de Michel Salomão

Passei a fazer um diário dos acontecimentos e impressões de um longo período de confinamento forçado em razão de uma Pandemia, cujo vírus foi descoberto no ano 2019, daí o nome Covid-19, mas que só veio a ser conhecido pelo grande público em 2020. Assim, para não ser devorado pelo tédio, como uma forma de não enlouquecer, resolvi fazer esses registros, em forma de crônicas curtas, publicadas quase que diariamente no Instagram, mas ninguém leu. Ou quase ninguém. Alguns leram e gostaram. Talvez estivessem apenas procurado ser gentis. Ou então ficaram loucos como eu. Não importa. Vamos começar.

Capítulo 1

O Decreto de Confinamento expedido pelo Prefeito Municipal associado ao medo espalhado pelos jornais deixaram a população paralisada, todos encarcerados em suas casas, e as crianças, enlouquecidas, passaram a detonar as suas próprias moradias, para o desespero dos pais, e para o meu particular desespero, mesmo não tendo filhos pequenos. Isso porque, acima de minha unidade, tem um garoto de 9 anos que parece ter resolvido jogar Polo dentro de seu apartamento.

Para quem não sabe, Polo é aquele jogo que usa uma montaria, geralmente um cavalo, e uma bola de madeira ou pedra, golpeada por uma espécie de martelo com um cabo comprido. Quando ele começa a jogar, e isso normalmente ocorre a partir das 9 horas da manhã, que é quando ele acorda, vai até aproximadamente às 11 da noite, e assim consigo perceber facilmente o movimento da bola de madeira (ou de pedra) rolando da sala para a cozinha, da cozinha para a área de serviço e de novo para a sala, passando pelo corredor até os quartos, e voltando para a sala e por aí vai, ininterruptamente, sempre acompanhado pela pisada forte das ferraduras da montaria. Um outro vizinho resolveu extravasar sua revolta ouvindo funk no maior volume, mas não é um funk qualquer, mas do tipo “proibidão”, o que não combina com o nível de famílias do tipo classe média alta, que é a proposta deste condomínio.

Depois de muitas reclamações, o síndico resolveu colocar uma nota alertando para que os moradores respeitassem o sossego dos vizinhos, evitando colocarem música no volume alto, mas não surtiu efeito, pois, certamente, o tal vizinho entendeu que funk não é música, e assim estaria liberado para infernizar a vida dos demais moradores. Difícil conviver em uma comunidade vertical.



Capítulo 2

Acho que vou perguntar para o síndico se o vizinho de cima tem alvará para praticar equitação dentro de sua unidade. Não é só o menino de 9 anos, com seu jogo de Polo, mas também consigo ouvir com perfeição o trote de potra da mãe dele, com suas ferraduras de salto alto, do quarto para o closed e o banheiro, centenas de vezes, a partir das 6 da manhã, e também à noite, após chegar do trabalho e até pouco antes de dormir. Acredito que a parede que dá para o closed seja toda revestida de espelho, e assim ela fica indo e voltando, querendo adequar a sua feiúra aos padrões internacionais.

Já pensei em presenteá-la com um par de pantufas, colocadas discretamente em sua porta, mas não sei se adiantaria alguma coisa. Morar em condomínio é isso: é preciso ter tolerância. Mas com esse confinamento inédito e forçado, as sensibilidades ficaram muito mais afloradas. Um vizinho resolveu tocar saxofone de sua varanda, e achei até muito bom, porque só escolhia músicas agradáveis, mas o morador da unidade superior não ficou assim tão feliz e jogou um balde de água em cima dele.

O morador de baixo correu até o andar superior e tentou arrebentar a porta do outro com um martelo, mas conseguiu ser contido pelos seguranças. Não fosse o confinamento, um ocasional encontro entre os dois no elevador poderia ser fatal. Mas isso há de acontecer algum dia, caso essa pandemia acabe.

Capítulo 3

Já morei em um prédio pequeno em que os vizinhos de cima eram um tanto quanto “quentes”, se é que me entendem. Uma noite, estavam fazendo tanto barulho que meu filho mais novo perguntou o que era aquilo. “Estão jogando tênis”, foi a resposta mais idiota que consegui encontrar na hora. Mas de repente eles começaram a gemer tão alto que o meu filho voltou a perguntar: “e agora, o que está acontecendo?”

- Eles se machucaram – respondi.

Expliquei para eles que o tênis é um jogo muito violento, e que as pessoas podem sofrer lesões. Disse isso com muito pesar, porque vai que um deles tinha a vocação para tenista, e eu poderia ser responsável pela destruição de uma promissora carreira.

- Mentiroso! - disse o meu filho mais velho, na época com 10 anos, sem se conter – Eles estão fazendo sexo.

Teria sido mais fácil explicar para eles que o sexo pode ser tão violento quanto uma partida de tênis, mas preferi não traumatizá-los nesse momento em que a vida tem ainda tanto a nos oferecer, mesmo que sejam ilusões. Encerrei a conversa perguntando se algum deles queria tomar sorvete.

No universo da indústria automobilística nada se cria, tudo se copia. É só alguma marca lançar um modelo interessante que as concorrentes tentam fazer igual. Hoje em dia, fica até difícil distinguir um carro de uma marca e outra, a não ser pelo emblema, pois todos se parecem, mas sempre tem aqueles projetistas mais criativos que procuram inovar, e às vezes acabam se dando muito mal. Carros feitos para pobres, geralmente, são feios, e isso é feito de propósito, para que, depois de passar alguns anos de humilhação com o seu monstro motorizado, o seu dono queira desesperadamente vender um dos rins para poder comprar outro de um segmento superior. Mas também existem carros caros e horrorosos. Vamos ver aqui apenas alguns poucos exemplos, pois não sobriaria espaço nesta revista para tratar do assunto, mas se os leitores insistirem poderemos mostrar outras aberrações, nacionais e importadas, nas próximas publicações.

Êta carro feio!



Um exemplo mais recente foi a Hyundai, marca que veio conquistando o mercado ao longo dos anos, mas que resolveu mexer em sua "identidade visual", criando monstros como o novo Creta, logo apelidado de "Credo".

O versão anterior do Nissan Versa era como um pesadelo.

A frente era tão desgraçadamente feia que não valeria a pena mostrar a traseira, cujas lanternas parece que derreteram. E os faróis brigam com a grade para ver qual é o mais horrível.



O indiano Tata Nano foi projetado para os pobres da Índia, e assim os caras entenderam que deveria ser feio, desconfortável e que tinha que pegar fogo. E o carro ficou assim, desse jeito.



Observe a linha das janelas do Fiat Doblô e fale-me se não tem algo de errado ali. Os faróis bipartidos, combinando com a grade horrível e os detalhes grotescos do pára-choques dão um toque desgraçadamente horroroso ao conjunto



Se tem uma marca que abusou do seu direito de errar foi a Renault, que lançou aberrações como o Twingo, o Clio e o Logan, estes últimos há pouco tempo reestilizados. Carros feitos na Romênia pela Dacia, para um público de baixo poder aquisitivo, foi inserido no Brasil no segmento "luxo".



O Fiat Múltipla nem pode ser chamado de carro: parece um bagre sobre rodas e dispensa maiores comentários.



O Toyota Prius inaugurou no Brasil o segmento dos carros híbridos, e parece que o desenhista fez tudo certinho, mas no dia de entregar o trabalho, o filho dele de seis anos mexeu no seu Ipad e estragou tudo, mas ele resolveu entregar o projeto assim mesmo e acabou sendo aceito.



O Ford Ká fez muito sucesso, apesar de extremamente feio. A traseira era assombrosa, e depois de uma reestilização passou a ser apenas mais aceitável



O Nissan Juke não poderia ficar de fora da lista dos carros miseravelmente feios: o projetista fez um desenho da carroceria até legal, mas no final não soube onde enfiar os faróis



O Ford Fiesta, que há poucos anos saiu de linha, recebeu diversas atualizações, porém todas desastrosas.



O Ágile, da Chevrolet, tinha uns faróis e uma grade que eram horróveis, e se não fossem tão feios, poderiam até ser bonitos.

A Tata merece uma menção especial ao projetar o Magic Iris, esse carro com a cara de um ET



O Ssangyoung Action consegue ser tão horrível quanto o nome. Os faróis nos fazem lembrar o Cerveró, da equipe da Presidenta Dilma Rousseff



E para terminar, o Aurora, um carro norte-americano de 1957, que apesar de ser um protótipo, pode ilustrar o que um sério desarranjo intestinal pode provocar em um projetista de automóveis

FOI COM MEDO DE AVIÃO?

Gosto de viajar de carro. Já encarei, por várias vezes, mais de 5.000 km entre ida e volta de Belo Horizonte ao Sul do Brasil, e por muitas outras, mais de 3.000 km de ida e volta para o Nordeste, outros tantos quilômetros para o Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, além de incontáveis visitas ao Sul de Minas, e viajo de carro não porque tenha medo de voar, mas porque gosto de estrada. Não tem nada a ver com a música do Belchior.

Tenho prazer de parar em várias cidades, conhecer bons restaurantes, pernoitar em hotéis, mas tem vezes que a pressa faz com que tenhamos que optar pelo avião, mesmo sabendo que, em certos casos, o tempo será quase o mesmo, se acaso fôssemos de carro, pois tem a ida de táxi ou ônibus executivo para o aeroporto, é preciso chegar no mínimo uma hora mais cedo, tem o embarque, o desembarque, às vezes as malas atrasam, táxi mais uma vez, entre outros contratempos.

Mas já fiz muitas viagens de avião, e algumas delas vale a pena registrar. Certa vez, indo para Salvador, peguei um voo da extinta Webjet e naquele dia tive medo, vendo o piso perto da porta de entrada, que parecia estar remendado com fita crepe, além da excessiva trepidação da estrutura, que dava a impressão de que a nave ia se desintegrar.

Além disso, tive que ficar espremido entre dois elefantes, obrigando-me a ir encolhido durante todo o trecho, não tendo a mínima oportunidade de esticar os ombros. Confesso que antes de entrar na aeronave, pensei: “droga, vou ter que ajudar a empurrar pra pegar no tranco”.

Em outra viagem para Salvador, dessa vez viajando pela GOL, embarquei no mesmo voo com o grupo “Companhia do Pagode”, e os caras ficaram cantando aquelas suas músicas irritantes durante todo o percurso, deixando a tripulação e os passageiros irritados. Isso sem contar que fiquei na última fileira, com os joelhos espremidos, pois a Gol sempre foi famosa pelo “conforto” de seus assentos, ficando perto do local onde as comissárias arrumavam as bandejas, e vez ou outra trombavam em mim.



A sorte foi que, para compensar, serviram-me duas vezes aquelas deliciosas e tão desejadas barrinhas de cereais e balas de caramelo que acredito que hoje nem servem mais.

Já peguei avião com bebê vomitando ao lado, bebê chorando e recheando as fraldas, gente conversando chatices, e uma vez fiquei muito preocupado com um cara muito estranho sentado ao meu lado, com os olhos vidrados e segurando fortemente uma valise que pensei que fosse uma bomba. Foi tensa a viagem.

Tenho, contudo, que me lembrar do meu primeiro voo para São Paulo, há quase 40 anos, ocasião em que fui fazer um curso pela empresa onde trabalhava, e naquele tempo era muito chique viajar de avião. Tanto era verdade que fui de terno e gravata, me sentindo o cara mais importante do mundo.

Nesse percurso, que mal dura 40 minutos, tinha um jantar maravilhoso, com pratos frios e quentes, separadamente, e bebidas à vontade. Lembro-me que bebi whisky, vinho, cerveja e um coquetel de frutas, e cheguei em Sampa totalmente “alegre”.

Foi viajando para São Paulo, muitos anos depois, que tomei o meu primeiro susto com uma turbulência mais forte, quando pensei que morreria, pois estava caindo uma tempestade perto da hora de pousar, e uma infeliz começou a gritar “o avião vai cair: nós vamos morrer!”, dando início a uma histeria coletiva, que foi habilmente contida pelas comissárias de bordo, que na época eram chamadas “aeromoças”, todas bonitas e elegantes, mas depois o termo foi mudado, porque começaram a contratar umas mulheres não tão jovens, e não pegaria bem que fossem chamadas de “aerovelhas”.

Também já peguei alguns voos ruins para vários lugares como Foz do Iguaçu, Salvador, Maceió, Natal, São Paulo e Rio de Janeiro, voando Vasp, Varig, Transbrasil, Webjet (todas falidas) GOL, TAM e AZUL, mas também já tive um voo desconfortável

em uma baldeação no Panamá, com a Copa Airlines, em uma aeronave velha e mal cuidada, que tinha algumas baratas gringas transitando livremente, e um homem esquisito que não parava de entrar e sair do banheiro perto de onde eu estava sentado, deixando tudo empestado.

Porém, a volta, pela mesma empresa, até que foi legal, pois sentei-me numa fileira que dava para esticar as pernas e o avião era um pouco mais novo, tinha umas telinhas logo na frente, que exibiam uns filmes que não conseguia entender, porque eram em inglês. Mas nem reclamei, porque teria que fazer isso também em inglês, e fiquei com vergonha de falar que nunca havia conseguido passar do primeiro semestre de um curso regular, coisa que até uma criança de 6 anos consegue com tranquilidade.

Para os Estados Unidos, voei umas três ou quatro vezes pela American Airlines, que achava que seria uma coisa do outro mundo, mas não era, e duas vezes pela Delta, que também não era grande coisa, e ainda fiz alguns voos internos com essas duas empresas, entre Miami ou Orlando e Nova York, talvez porque tenha sempre viajado na classe econômica, ou indigente, e com isso eles entendiam que eu era um pobre metido a besta e que tinha que sofrer, por não poder pagar uma viagem na Classe A.

Não era nada que lembrasse aqueles tempos de glamour, pois já tinha muitos farofeiros na escala, com meninos gritando e babando no encosto dos bancos, mulheres brigando com os maridos, velhas peidando, mas não há nada mais irritante do que passar pela alfândega, com aqueles caras olhando

para nós como se fôssemos ladrões, revistando as nossas malas e ainda tendo que nos submeter aos cancerígenos aparelhos de Raio X.

Hoje em dia nem penso mais em utilizar esse meio de transporte, pois os preços estão absurdos, e jamais aceitaria viajar nos horários em que eles oferecem preços mais “populares”, quando teria que sair de casa de madrugada ou fazer duas ou mais escalas, não sei o que é pior, obrigando-me a passar o dia inteiro em aeroportos, onde o preço de um pão de queijo é o mesmo de uma bicicleta de 21 marchas. Nem pensar! Se não puder ir de carro, prefiro entrar no YouTube e ficar passeando virtualmente pelo mundo em minha Smart TV de 55 polegadas, comprada com o dinheiro que economizei não viajando mais de avião. E assim, fico reclinado em meu sofá, enquanto como umas pipocas e tomo um café ou guaraná. Isso é bem melhor do que comer barrinhas de cereais e balas de caramelo.





UM TURISTA INCIDENTAL

crônica de JORGE F. ISAH

Durante as férias, aconteceram dois incidentes deveras estranhos. Não citarei o local para não mexer com a suscetibilidade provinciana dos defensores seja lá do que for, mais preocupados em aparecerem a qualquer custo e fazerem carreira no mainstream político ou midiático: os vulgarmente apelidados de “lacradores”. Fui visitar uma “picota” e, já na entrada, alguém me abordou. Sem cerimônias, pegou-me o punho e foi amarrando uma fitinha de certo santo. Agradei, educadamente, me recusei a usá-la, e tomei de volta o braço que era meu. Ele insistiu, e puxou-me com mais vigor; eu disse:

- Amigo, não quero usar a fitinha... – Pensei em explicar-lhe os reais motivos, mas não me senti obrigado a fazê-lo.

- Por quê? – Falou com uma agressividade incompreensível e quase psicótica.

- Ora, porque não quero... – Fui o mais gentil possível, dentro das circunstâncias; sem arroubos e melindres.

- Isso é um absurdo! – Ele disse; com a fisionomia tão neurastênica, que imaginei tratar-se de uma “pegadinha” – É o maior insulto que já recebi na vida!

Entreolhamo-nos: eu sem entender a reação destemperada e abusada do homem, e ele sem aceitar a minha decisão. Então, para acabar com o mal-estar, peguei a fitinha, agradei, coloquei-a no bolso, e virei-me para descer a ladeira. Ao notar que não a usaria, puxou-me bruscamente o braço, pela terceira vez:

- Não vai usar a fitinha?

- Não, vou levá-la de lembrança.

- Vai nada!

Arrancou-a dos meus dedos, virou-se para as pessoas ao redor (a rua e calçadas estavam apinhadas de turistas), e disse, a plenos pulmões:

- Veja bem, é isso que dá ser educado e gentil com pessoas que mereciam era umas boas porradas!

Deixei que falasse, segui à frente e, mesmo alguns metros depois, podia ouvi-lo imprecisar e maldizer o monstro perverso que eu era. Mas ainda não havia terminado.

Logo à frente, avistei um vendedor de chapéus; havia algum tempo que desejava um. Aproximei-me e apontei o modelo.

- Quanto é esse?

- 90 reais! – Pegou o artigo para colocá-lo em minha cabeça.

- Não, eu não vou querer... – O valor era mais o dobro de outros quiosques.

- Dá pra fazer por 70... – E, de todas as formas, quis colocá-lo em minha cabeça.

- Amigo, não tem tamanho maior?

- Não, mas ele serve! – E insistia, a despeito da minha cabeçona, em ajustar o apetrecho com o maior dispêndio de força, puxando-o para baixo pelas abas.

- Calma, não está vendo que o chapéu é pequeno demais para a minha cabeça?

- Vendo por 50...

- Amigo, nem se for de graça! Não vê que não entra?

E quanto mais eu argumentava, mais ele se impacientava e queria, a todo custo, adequar o atavio ao meu crânio avantajado, dando descontos de 5 em 5 reais... Ainda fiz um esforço, com as próprias mãos, para ele ver a inadequação de se colocar uma melancia em um vidro de azeitonas.

- Viu? Não tem como! – Devolvi-lhe o chapéu. Novamente, quis botá-lo; dei um passo atrás e mantive a distância.

- A menos que tenha uns três ou quatro números maiores, esse aí não serve... – Rumei para o meu caminho, quando ele peitou-me, e disse:

- É por essas e outras que não gosto de gente folgada!

- Ah?! – Lembrei-me do personagem humorístico (não me recordo o nome), que ao ser confrontado repetia: “Ah, é, é? Ah, é, é?” para dias depois sair com uma resposta matadora, mas que de nada lhe servia.

- É isso mesmo, você é um folgado! – Quase fez uma linha no concreto, cuspiu no chão, e me chamou a atravessá-la, se fosse homem.

Nisto, minha esposa puxou-me o braço de um lado, e minha filha do outro, e arrastaram-me pela rua.

Na pousada, contei a história para um funcionário, e ele segredou:

- Você fez bem em não usar a fitinha, ela é uma espécie de senha para os trombadinhas e larápios saberem que é turista e o enganar...

- E quanto ao vendedor de chapéus? O que tem a dizer?

- Aqui os vendedores são loucos, e esse deve ser, com certeza, o dono do hospício.



UMA VIDA DE AVENTURAS

Sempre gostei de viver perigosamente. Enquanto mais adrenalina, melhor. Quando era pequeno, pulava o muro e invadia o quintal da casa do vizinho para mexer com o Pastor Alemão dele, que ficava lá no fundo, descansando em sua casinha. O bicho vinha que nem uma fera para cima de mim, e eu pulava o muro de volta, no momento exato em que ele saltava para abocanhar a minha perna, mas nunca conseguiu.

Era chegado numa briga, e gostava de enfrentar os valentões, exatamente aqueles que abusavam dos mais fracos. No bairro em que morava, tornei-me respeitado, pois procurava apartar as brigas antes de ter que partir para a ignorância. Por conta disso, aprendi a lutar todas as artes marciais que existem por aí, quebrei os dois braços, uma perna, o pé e o maxilar, além de uma pequena fratura no crânio.

Também já fiz outras loucuras, como andar de moto na estrada a 230 km/h, fazer cavalo-de-pau com o meu carro turbinado, pular do quinto andar de um prédio em construção, em um banco de areia e muitas besteiras mais. Certa vez entrei com a polícia em um matagal, atrás de uns bandidos perigosos que haviam fugido da penitenciária que ficava lá perto de casa, e os policiais iam atrás de mim, me utilizando como escudo, enquanto eu, lá na frente, sem colete e sem arma, pensando que era um imortal.

Vez ou outra as pessoas me indagavam: “mas isso não é muito perigoso”? E eu invariavelmente respondia.

Perigo é soltar um peido quando se está com dor de barriga”.

O meu sonho era entrar para a polícia. Mas não queria qualquer polícia: queria ser Federal, andar com uma metralhadora pendurada de um lado, uma bazuca do outro, um cinto atravessado no peito cheio de granadas e um míssil teleguiado no ombro, pronto para iniciar uma guerra mundial. Mas não passei no concurso, na prova de múltipla escolha. Fiquei tão nervoso que errei algumas questões que seriam uma barbada. Perguntaram qual era a Capital da Venezuela e eu marquei Buenos Aires. Na verdade, daria na mesma, pois hoje são dois países quebrados pelos comunas, mas os examinadores não entenderiam dessa maneira.

Então o tempo passou e não animei a tentar novamente. Acabei arranjando outras ocupações. Hoje estou aqui com esta cadeira de rodas, tentando com dificuldade empurrar de um lado só, pois o tiro que levei pelas costas, quando já tinha agarrado o assaltante de uma padaria afetou todo o lado direito do meu corpo. Não percebi que o seu comparsa vinha logo atrás. Não dei sorte naquele dia. Mas estou tentando comprar uma cadeira motorizada, aí eu mando turbinar e instalar duas escopetas na base, uma de cada lado, e assim quero ver esses vagabundos se lascarem. Eles vão se ver comigo!

um conto de Michel Salomão



BIRD BOX

o livro e o filme

por Jorge F. Isah

Josh Malerman é compositor e músico de uma banda de rock desconhecida (ao menos para mim), que se chama "High Strung". Não é uma boa credencial, desde o seu início, para um escritor. Não li os escritos de todos os roqueiros, vivos e mortos (e nem o poderia, a fim de preservar a minha sanidade), mas, do que li, não posso dizer que o gênero musical colabore com a literatura. A despeito de Bob Dylan ter ganhado o Nobel (se há um absurdo, esse foi o maior: um letrista apenas bom, e nem sempre, ganhou o maior prêmio literário do mundo), ele não pode ser considerado "ipsis litteris" um rocker, pois a sua trajetória musical está mais ligada ao folk ou àquele tipo de música niilista e de protesto que os rockers "cabeça feita" gostam de ouvir e impingir aos outros. A escolha do Nobel poderia recair sobre Cormac McCarthy, Philip Roth ou Don DeLillo, por exemplo. Escritores infinitamente melhores do que o mediano letrista Dylan.

Bem, mas deixemos os músicos de lado.

O livro é um thriller de suspense, com altos e baixos. Vamos a eles:

1) Gostei do subtítulo: "Não abra os olhos"! Para o leitor voraz isso seria uma heresia, um castigo medonho, ou para quem aprecia as belezas e maravilhas criadas pelo bom Deus. Há um elemento subliminar de que, ao não abrir os olhos, o livro não será lido ou o filme não assistido. Seria uma advertência do autor ao leitor e espectador?... Brincadeirainha...

É claro que o objetivo da mensagem é revelar algo da narrativa, já instalar no leitor ou espectador o pânico ou a apreensão pelo que se segue após virar a capa ou passar o primeiro minuto. Sinceramente, chamou-me a atenção, e de alguma maneira, influenciou a minha decisão de comprá-lo.

2) Gostei da história. O seu mote é interessante. Em um mundo apocalíptico, quem vê se flagela e morre

autoflagelação). Melhor, então, não ver, e se esconder do mundo exterior, ainda que suas ameaças estejam a cercar, pairando sobre os personagens. Não é original; a narrativa pós-apocalíptica tem sido muito utilizada na literatura, no cinema e nas artes em geral (a moda atual é a de filmes sobre um mundo dominado por zumbis, Ets e figuras fantasmagóricas. O que antes acontecia em privado, em particular, com um ou outro personagem, se disseminou, e cidades, países inteiros, são dominadas por seres não-humanos). O suspense sempre vendeu e continuará vendendo, a despeito de não haver mais escritores geniais como no passado, Stevenson e Poe, e, mais recentemente, Lovecraft e King (não é um gênero do meu agrado, mas, ao menos, Stevenson e Poe vão muito além do susto e calafrios).

3) Se os personagens não têm a profundidade dos construídos por Dostoiévski e Tostói, ao menos são bem definidos, e os seus papéis no enredo também. Existem "furos" e inverossimilhanças em algumas de suas atitudes e falas, mas nada que possa considerar exageradamente falso. Afinal, é ficção.

4) O autor consegue manter o clima de suspense da narrativa e prender a atenção do leitor. Vá lá, não é grande coisa, mas dá para passar algumas horas de diversão com o livro.

A alternância entre presente e passado quebra um pouco da monotonia que poderia levar a história ao fracasso completo.

5) Apesar da desagregação da sociedade, onde é cada um por si, houve o cuidado do autor em demonstrar não somente a necessidade do agrupamento de sobreviventes, mas a postura de alguns em abrigar e chamar outros para o lugar que consideravam seguro. Mesmo a fragilidade humana em um mundo caótico, leva-os a fortalecerem-se e buscarem formas de manter a esperança viva. É o caso do personagem Tom, um idealista, no bom sentido da

(a influência diabólica de levar a alma ao suicídio, à palavra, um incansável promotor da fé; não existe crise maior do que não buscar as soluções, é o que pensa e tenta transmitir aos demais. Existem conflitos morais e éticos; e o que não se via, mas sabia, no "lá fora", acaba por acontecer no interior da casa.

No final, existe esperança também para Malorie e seus filhos.

A ideia é boa, mas a narrativa não se desenrola com a mesma eficiência. Como já disse, o autor consegue manter o "clima" de suspense até certo ponto, mas de uma maneira geral, o enredo é apenas razoável. No seu desenrolar faltou a Malerman a perícia e habilidade de um construtor de histórias experiente e talentoso, como McCarthy e o seu "A Estrada", por exemplo.

Já é praxe eu não fazer sinopse ou contar a história, para não tirar o prazer do futuro leitor; então, o que posso dizer mais?

Bem, se está esperando arrepios e uma história

envolvente, daquelas de perder o fôlego, desista. Não é para você.

Se deseja uma narrativa inteligente, com detalhes minimamente pensados e descritos com maestria, e um final que faça sentido, desista também.

Se quer um livro para ler em um dia, de supetão, e passar algumas horas distraído e, até mesmo se divertir, para depois esquecê-lo, ele pode atendê-lo.

É o primeiro livro de Malerman, e ele pode melhorar e aprimorar algumas qualidades que tem. Precisa, talvez, deixar de pensar em escrever um livro-filme (a moda são enredos que possam e, já pensam, em se tornar em filmes. Não se contentam apenas com o papel...) e sair um pouco dos clichês, tão comuns aos livros de suspense (projetados para serem películas, num futuro próximo).

Não peço originalidade, pois isso é bobagem, na maioria das vezes, ou em todas. Mas uma boa ideia, técnica, boa narrativa e um enredo que se sustente, já o tornaria em uma promessa alvissareira neste século.

Então, vamos esperar o próximo volume... Ou será o script para mais um filme?... O tempo, sempre ele, dirá.

NOSTALGIA

O termo Nostalgia é associado a tristeza pela falta de algo que foi deixado para trás, que normalmente não volta mais. Mas pode trazer sensações boas, se você quiser encarar dessa forma, fechando os olhos e recordando de cheiros, texturas, sons e até sabores, consciente de que nada é eterno e que as boas lembranças são válidas.

Coisas sem aparente valor podem nos le-var a tempos da nossa infância, como abrir uma garrafa e tomar um Grapette gelado. Ou chupar uma bala Soft, que diziam que podia nos fazer morrer engasgados (mas não me lembro de ninguém que morreu). Quem se recorda dos Diziolis, que eram cubinhos de pura gordura hydrogenada adocicada, que hoje seriam banidos do mercado por entupirem as artérias? E quem se lembra daquelas horríveis bolinhas prateadas que colocavam sobre o glacê para enfeitar os bolos de aniversário? Veneno puro. Mas estamos aí todos vivos e velhos. Hoje em dia os jovens se cuidam, é uma frescura danada, e morrem cedo.

Lembranças visuais e auditivas são mais fáceis de buscar, principalmente na internet, com séries famosas como Perdidos no Espaço, que tocava uma música tenebrosa quando os monstros estavam para aparecer. Tinha também Jeanne é um Gênio, Pernalonga, Tom e Jerry, Agente 86, Terra de Gigantes. E na música tinha o Queen, o Led Zeppelin, o Rick Wakeman, o Peter Frampton, os Bee Gees, entre outros.

No cinema e na TV, era um tempo em que não existia a obrigação de se obedecer os ditames da nova ordem mundial, para garantirem os direitos das "minorias", com as produções forçadas a inserirem no contexto um número mínimo de feministas bravas e dominantes (mesmo se o filme fosse de época e passasse em um ambiente exclusivamente masculino, como na frente de batalha em uma guerra), afrodescendentes (mesmo se a história se passasse na Islândia) homossexuais e transsexuais (mesmo se o tema fosse o universo dos Ogres).

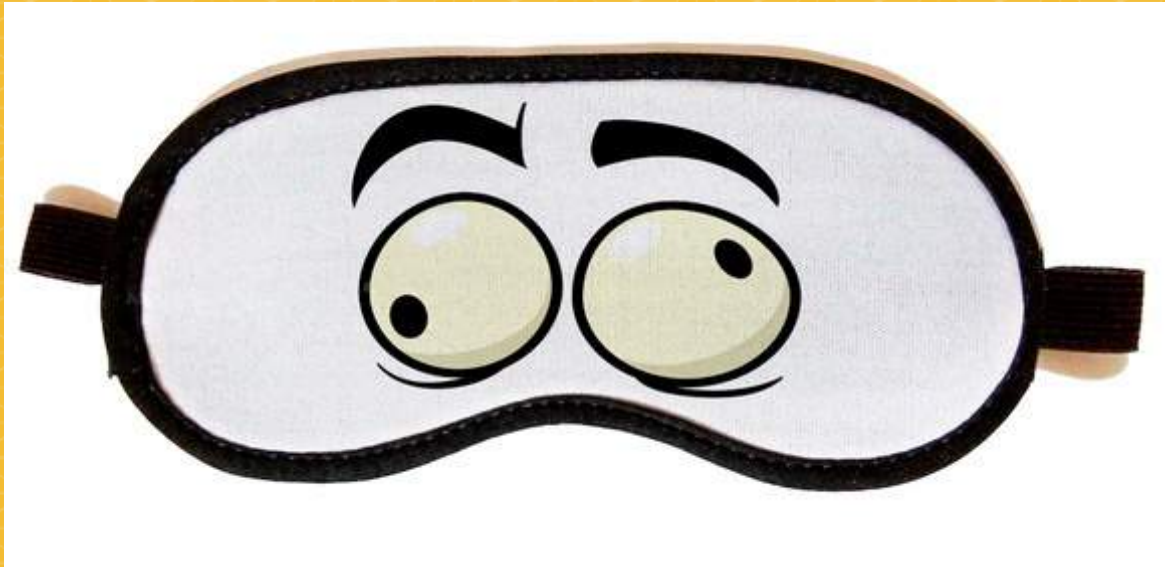
Um dia desses assisti uma série da Netflix ambientada na Inglaterra da Idade Média, e achei estranho que muitos cargos da nobreza eram ocupados por pessoas de pele menos clara, o que acredito não ser comum naquela época. Não é uma visão preconceituosa de minha parte, pois nada tenho nesse sentido, pois sou um autêntico mestiço, de pele bem morena, mas é pura questão de história: naquele continente, os não-brancos foram explorados como escravos por muitos anos e desconheço se ocuparam títulos nobres.

O filme ia até bem, com aquelas intrigas palacianas de sempre, e aí o mocinho, que todos imaginávamos que ia ficar com a mocinha, pois estavam se coçando desde o início do filme, repentinamente chama um outro cara no canto e os dois lascam o maior beijo na boca, e ficam por lá se embolando por alguns instantes. Foi totalmente gratuito e fora do contexto, pois nada tinha a ver com a trama e depois tudo continuou do mesmo jeito de antes. Era só para cumprir tabela.

Hoje em dia, desenhos infantis parecem ser obrigados a inserirem personagens gays ou lésbicas, sendo que no passado não havia referência a sexo, pois as crianças costumavam ser crianças, apenas isso.

Fico imaginando o desespero dos roteiristas e diretores dessas grandes produções, obrigados a adaptarem as suas obras para essa realidade estranha e nebulosa, que parece não ter um sinal de que vá melhorar. Porém, poderá não durar muito tempo, pois temos a sorte de saber que o mundo está acabando, segundo dizem.

A LOUCURA SOB O PUNTO DE VISTA DOS LUNÁTICOS



A Lua não é feita de queijo, nem de mel, como sonhavam os enamorados. Neil Armstrong e Buzz Aldrin pisaram naquele solo, enquanto Michael Collins ficou de bobeira na nave, mas nos trouxeram as imagens de lá e descobrimos que tudo não passava de um monte de rochas e poeira, muita poeira, o que ainda hoje é contestado por muitos que defendem que os gringos nunca estiveram lá, e que as fotos foram feitas em estúdio, enquanto alguns malucos afirmam que a Terra é plana.

Seguindo esse raciocínio, se a Terra é mesmo plana, a Lua também só pode ser assim, e aquilo que vemos lá em cima, aquela bola esburacada em meio à escuridão, sob o foco de um binóculo qualquer ou pelo zoom de um smartphone xingling só pode ser ilusão de ótica.

Tem gente que ainda perde tempo discutindo sobre isso, mas não dá para combater os argumentos dos malucos, pois são muito intransigentes. E como tem gente doida neste mundo. Teve um autor disse, fazendo uso do silogismo, que “se o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e se todo mundo é doido, Deus também só pode ser doido”. Não creio que seja. Deus criou o homem normal, mas ele pirou a cabeça quando Eva chegou para ele e, supomos, sussurrou no seu ouvido: “se você não comer este fruto, não deixo você comer mais nada”.

Sim, os homens piram o cabeça por causa de

mulher. Alguns até pensam que podem voar, saltando do vigésimo andar de um edifício, mas para que isso não aconteça, para distrair essa conturbada mente masculina é que existem os carros e os aparelhos eletrônicos, e também o futebol, para que consigam, ao menos por alguns momentos, deixar de pensar em mulher.

Freud era meio doido, e inventou um monte de teorias que indicavam que o sexo seria o grande responsável por todas as loucuras do mundo, e foi o que aconteceu com Adão. Você pode não saber, mas a loucura é contagiante.

Experimente ficar algum tempo perto de doidos e se tornará um maluco como eles. Comigo foi assim. No tempo em que estudava Psicologia, cheguei a visitar alguns hospitais, e quando chegava em casa, ficava lambendo as grades do portão. Não havia explicação para isso, pois se ao menos estivessem revestidas de chocolate, justificaria o meu ato.

Tive que fazer terapia por muitos anos para deixar de lado essa mania, mas aí passei a lamber os puxadores dos armários, mas só fazia isso depois de tomar o cuidado de fechar a porta do quarto. Foi a recomendação de meu terapeuta, que explicou que as pessoas podem não entender esse tipo de manifestação, e até confessou também cultivava o mesmo hábito secreto. Só que antes ele passava um pincel com essência de baunilha. Ainda não experimentei fazer assim. Talvez, algum dia, faça isso.



Somente quem já foi vegetariano pode entender o que um não vegetariano sente na hora das refeições. É como estar diante de um Capo siciliano, um caudilho do Caribe ou o guarda de trânsito a cumprir metas em seu “bloquinho de notas”... Pois bem, eu já fui um desses, num período onde não era modismo, muito menos ideológico; apenas um estilo de vida, como torcer para o Piquet ou o Senna, Messi ou Ronaldo, subir escadas ou ir de elevador. Claro que todas estas preferências suscitam disputas, alguns litígios e discórdias, mas tudo se resolve numa mesa de botequim, entre chopes e tira-gostos. No caso da rixa “vegetarianos versus carnívoros”, é impossível a conciliação terminar em churrasco.

Na época de militância, aconteceu algo inusitado. Alguns parentes de um amigo estavam de visita, e nunca haviam comido pizza. Fiquei sabendo ao perguntar, sabe-se lá por que, qual era o sabor preferido deles. Três disseram nunca terem visto uma na vida, a não ser na tv, enquanto o quarto comeu quando criança, mas não se lembrava do gosto. Decidimos então, no dia seguinte, ir até uma das mais badaladas pizzarias da cidade, para satisfazer os sentidos. Marcamos hora e local.

Lá estava eu, antes de todos, esfomeado e trêmulo; então, tratei de pedir logo. Quando chegaram, percorreram o lugar com os olhos, admirados pelo tamanho do salão e da decoração peculiar: pôsteres emoldurados e espalhados nas

paredes remontavam a lugares paradisíacos na Itália, mesas fartas, gente bonita e saudável, e muitas massas em todos os pratos; as toalhas eram estampadas com sugestivas fatias, uma de cada sabor; e a louça decorada com ingredientes típicos, de forma a tornar desnecessário o cardápio; já estava tudo sobre o tampo: sabores e tamanhos, faltava apenas o preço, algo a ser resolvido com algumas etiquetas.

Após se acomodarem, o garçom veio pegar os pedidos das bebidas, e um dos convivas, olhou fixamente a toalha de mesa, e disse:

– Vou querer esta aqui... – Apontou uma fatia de calabresa.

Intervim:

– Eu já fiz o pedido, para adiantar...

– Ah, que bom... – Disse meio surpreso e um pouco constrangido.

Quando as bebidas chegaram, vieram acompanhadas das pizzas: três gigantes, no total. Ocuparam completamente a mesa, e pedi ao garçom para anexar outra, a fim de não nos espremer durante o repasto. Ao vê-las fumegar e o queijo ainda derreter, me delicieei com a profusão de gêneros extraídos diretamente das hortas e plantações, sem notar um certo espanto dos demais comensais.

Gentilmente, o garçom foi perguntar a cada um qual pizza queria:

– O que tem?

– Vegetariana, Califórnia e Margherita...

– Qual é de carne?

– Nenhuma delas, senhor...

Constatei uma sombra de decepção pairar sobre as cadeiras; não havia nem uma mísera fatia de presunto. Comemos, e ao final dividimos a conta. Examinava a carteira a decidir o valor da gorjeta, quando ouvi um sussurro entre duas convivas:

– A semana inteira como legumes e verdura; na hora da pizza me vem mais mato!...

De alguma forma, eu havia cumprido a missão, ao mostrar-lhes um universo totalmente novo, desconhecido e mágico, onde a humanidade poderia galgar um nível de consciência e evolução jamais visto...

Tudo isso, entretanto, cairia por terra, no dia em que, faminto, após trabalhar toda a noite e madrugada em um evento badalado de um clube social, vi-me diante de um trailer de sanduiches, e fui, definitivamente, pescado pelo odor inebriante, quase celestial, das tiras de bacon frito... Foi quase uma epifania... e um salto até as picanhas, lombos e costelas...

Ah, e, por favor, não me venha com abobrinhas, cogumelos e chuchus na brasa! Senão chamarei os conterrâneos daquele velho amigo, e terá de se ver com eles... enquanto sonho o dia em que, talvez, faça-lhes justiça, convidando-os para um verdadeiro churrasco.

PAPO-CABEÇA



O MUNDO IDIOSSINCRÁTICO DE FAULKNER: “LUZ EM AGOSTO”

por Jorge F. Isah

Gastei um bom tempo lendo este livro. Para ser mais exato, quase um ano. E não foi uma leitura fácil. Em muitos momentos me vi refletindo em algo do texto, sem poder continuar. Um certo “peso” me fazia parar e buscar uma literatura mais digerível, menos estafante. Com isso não estou dizendo que não gostei de “Luz em Agosto”, pelo contrário, já estou engatilhando o próximo livro do autor.

Como Thomas Mann, Faulkner não é para leitores apressados, ao menos, é o que penso. Em um mundo onde a literatura se tornou refém das imagens, como subproduto criado para a TV ou Cinema, é possível afirmar que a maioria das pessoas não se interessará pelo livro. Alguns o considerarão difícil. Outros, indesejado. Para muitos outros, ignorado. É o preço a se pagar por gerações e gerações de pessoas cada vez mais apegunadas em seu mundo tubular, de LCD ou LED. Mesmo os eruditos pertencendo ao “mundo” dos LEDs, a grande massa ignora-os por completo.

Faulkner tece a sua linguagem de forma minuciosamente orquestrada, onde cada palavra parece desempenhar uma função além do próprio significado. Ela transcende a si mesma, revelando um mundo muito mais vasto do que o sentido que se atribui. Como se fosse um tubo de imagem (os mais velhos saberão do que estou falando) a emitir uma explosão de ondas capazes de formar uma paisagem nem sempre nítida, nem sempre identificável, mas sempre abrangente. Ainda que os indivíduos tenham nome, endereço e cpf, qualquer um de nós pode se identificar ou identificar algum conhecido entre as figuras criadas pelo autor.

Antes, e a narrativa principia daí, temos uma jovem grávida, Lena, prestes a conceber, que atravessa metade do país em busca do pai do seu filho, o qual prometera se casar, mas fugiu, deixando pistas ambíguas do seu paradeiro. Ela viaja solitária, contando com a ajuda de estranhos para alimentar-se e cruzar os territórios à caça do aspirante a marido. Os personagens desfilam sua ordinariedade (no sentido trivial, comum), mas por meio de uma narrativa sofisticada e, por vezes, hermética. Penso que nenhum escritor deseja ser impenetrável ou complexo, mas são características que permeiam grandes nomes da literatura (James Joyce me parece o expoente entre todos). Eles gostam de “brincar” com o leitor, em um jogo de charadas intrincadas, ou não tão reveladoras, deixando a cargo da imaginação e da intuição o complementar a informação. Há quem goste. Há quem desgoste. Há quem não se importe. O certo é que, uma mesma história pode ser contada de maneiras diferentes. Algumas afloram asco, outras, indiferença, ainda outras, encanto. Faulkner está no terceiro e último grupo, bastando a atenção necessária e a paciência ainda mais primordial para degustá-la calma e parcimoniosamente.

O livro conta a história de Christmas (e não é por aqui que cessam as referências cristãs), um homem branco que se considerava negro. Desde a mais tenra idade, viveu o dilema de carregar um sangue que não refletia a cor da sua pele. Na verdade, na casa dos 30 anos, não se identificava com qualquer dos aspectos da sua origem. Apenas se sentia abandonado, jogado à própria sorte. Não se sentia branco, apesar de parecer; e atormentava-se com a negritude, a qual assumiu e alardeou aos quatro

ventos, mas que o consumia. Na parte sul da América, onde a escravidão havia sido abolida, mas a segregação estava a pleno vapor, ser negro não era o melhor dos mundos. E Christmas parecia se autoflagelar, ou não ser capaz de escapar do estigma que supunha distingui-lo. Era uma espécie de autoexpição, de purgar a si mesmo pelo que não tinha, enquanto abandonava o que lhe restava.

Talvez a figura mais marcante e atormentada seja a do pastor Hightower, homem confuso quanto a sua fé, o relacionamento com Deus, e as lembranças de sua esposa nada sincera. Ele faz várias reflexões, sem contudo chegar a alguma conclusão. Passa boa parte do tempo se torturando com as lembranças e o próprio rumo que a sua vida tomou, quando não está a desgraçar os outros. Não somente através dele, e pelo viés de outros personagens, Faulkner utiliza-se das descrições de lugares, situações e ações para “filosofar”, e trazer um certo aspecto racional, ou intelectual, à profusão de sentimentos. Enigmas que precisam ser desvendados, na busca da verdade, mas que são abandonados pelos dilemas cotidianos. Apenas como aperitivo, transcreverei dois trechos em que Hightower pondera: “Mas no céu e na terra há outras coisas além da verdade”, pensa... ‘Muitas outras coisas’, refletindo em que a inteligência foi, segundo parece, dada ao homem para, nos momentos de crise, ele poder proporcionar a si mesmo formas e sons com que defender-se da verdade” (Pg. 390).

‘Talvez tivessem razão em introduzir o amor nos livros’, pensava Hightower. ‘Talvez ele não pudesse viver em nenhuma outra parte’” (Pg. 392)

Não falarei mais sobre a obra em si, dado o meu desprazer em escrever resumos e estragar a curiosidade e o divertimento do futuro leitor.

“Luz em Agosto” não pretende iluminar a vida dos personagens, como se viesse reabilitá-los. Não existe a pretensão de tirá-los da escuridão, na qual todos parecem estar imersos, de uma forma ou de outra. Apenas reconhece-os como são, com todos os seus pecados, dúvidas e as complexidades da natureza humana, permeadas por um mundo tão humano e, por isso, idiossincrático em suas relações. Não há heróis. Há, sim, indiferença, ódio, conflitos, mas também bondade ingênua, como a de Burch. Se existe desapego de um lado, há obstinação do outro. E nem mesmo o desapego sobrevive ao crivo do apego, teimoso.

Este é um livro altamente recomendado para não preguiçosos, e que buscam uma leitura “quase idílica”.

Livro: Luz em Agosto
Autor: William Faulkner
No. Páginas: 448
Editora: Cosac & Naify
Edição: 3a, 2015



Palácio das Artes
sexta-feira, 11 de março de 2022 - 21 horas
Belo Horizonte - MG

PROGRAMA DE ÍNDIO

Tem gente que acha que viajar para estâncias hidrominerais é coisa de velho. Pode até ser verdade: tem muito velho que pensa que vai rejuvenescer tomando aquelas águas, muitos exageram e podem até morrer afogados, mas não ficam mais novos. As águas são até legais, mas o bom mesmo é passear nos parques. Os melhores são os de São Lourenço e Caxambu. Para quem quer relaxar, não existe coisa melhor. As duas cidades ficam bem próximas uma da outra, no sul de Minas, perto do Rio de Janeiro (270 km) e de São Paulo (305 km), e não tão longe de Belo Horizonte (360km). São Lourenço tem mais atrações, o comércio é mais forte e existem bons restaurantes e hotéis a preços razoáveis. Para quem tem criança, em São Lourenço pode escolher hotéis com lazer completo do tipo "all inclusive", que são Guanabara, Sul América e Alzira Imperial. Todos eles possuem piscinas aquecidas, amplas áreas de lazer, recreação, e dependendo da época do ano, festas com shows musicais.

Em Caxambu também tem bons hotéis, mas as opções de restaurantes são menores. O melhor deles, que funciona só para o almoço, é o Coreto, que fica na praça principal. Gostei tanto da comida que pedi para falar com o gerente, que se assustou com o elogio, pois já está há muitos anos no ramo, e o mais comum, segundo

segundo ele, é ver as pessoas reclamarem, mesmo sem razão. Em São Lourenço, para quem quer comer uma comida legal à noite, pagar barato e comer muito bem, a sugestão é ir no "Centro Gastronômico", que reúne três tipos diferentes de restaurantes em um só, com opções de comida japonesa, grelhados e sanduíches gourmet, todos de excelente qualidade. O Yattá é o melhor deles, e serve um "Teppan Yaki" de de Salmão que é excepcional.



Mas ainda tem muitas opções como passeios de balão, kart, teleférico (o de Caxambu é melhor), massagens de todos os tipos nos balneários (o de Caxambu é melhor e mais barato), lojas de roupas, calçados, tem pelo menos três hotéis-fazenda bons na região, mas o melhor mesmo é ainda poder caminhar relativamente despreocupado pelas ruas, coisa impossível de se fazer nas grandes capitais, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, e



é por isso que muita gente dessas cidades corre para São Lourenço e Caxambu nos finais de semana e feriados, pois ainda dá para curtir aquele clima de cidade do interior, apesar de serem pontos turísticos muito procurados. E lá você não vai encontrar só velhos. Mas se for assim, qual o problema? Você um dia também será velho, vai



colocar uma sandália de couro no pé, uma bermuda cargo, uma camisa florida e vai correr para São Lourenço e Caxambu, se achando o tal. E pode estar certo de que irá se divertir muito. Boa viagem!



Uma homenagem a Batoré, personagem inesquecível de Ivanildo Gomes Nogueira, que morreu pobre, triste, esquecido pela TV, instrumento onde descobriu o seu talento, depois de abandonar prematuramente a carreira de jogador de futebol, por conta de uma lesão. Trabalhando em "A Praça é Nossa" ele criou bordões como "Ah, pára, ô!" e também "Você acha que é bonito ser feito"? Nos últimos meses de sua vida, desempregado por conta da pandemia e sem poder fazer shows, ocupava o tempo fazendo vídeos onde ensinava receitas de comidas simples, como sopa de legumes, macarronada a bolonhesa e arroz com carne moída ou ovo frito, que era o que lhe sobrava para comer, e fazia isso apenas para não enlouquecer. Sua ausência encerrou de vez com o humor no Brasil.



Vamu cumê?

Nesta coluna você encontrará dicas de restaurantes em diversas cidades do país, com a indicação de comida boa por preços melhores ainda, além do ambiente, que conta muitos pontos, e também publicaremos algumas receitas fáceis para encher o pandu quando a fome apertar.

Podemos começar falando do bar e restaurante "Zapata", de Curitiba/PR. Com a temática mexicana, além dos divertidíssimos shows com um trio totalmente caracterizado, que canta e toca músicas típicas, a comida é sensacional, sendo a sugestão da casa a "sequência" de Taquitos

Barbacoa, Pastelitos de queijo com geleia de pimenta, Nachos los Concorrientes, Tacos San Tomé e Fajitas mistas (tiras de alcatra e frango). E os preços não são excepcionalmente caros: dá para uma pessoa comum se alimentar bem, se divertir, e voltar com as calças intactas e sem a necessidade de lavar pratos na cozinha. O endereço é na Rua José Sabóia Cortês, 383 – Centro Cívico, Curitiba – PR, mas também existe uma outra unidade, no bairro Água Verde.



Casa 50

Não deveríamos falar deste restaurante, porque almoçamos lá de vez em quando, e depois que este comentário for publicado o povo vai baixar lá em peso, vai ficar muito

cheio e os preços poderão aumentar, pois é assim que as coisas funcionam no Brasil quando um negócio faz sucesso. Mas deixa pra lá: eles merecem, a comida é muito boa, existe muita variedade de pratos frios e quentes (em alguns dias tem até sushis), num ambiente limpo, claro e agradável. O espaço não é muito grande, mas é muito aconchegante. Fica em frente ao Diamond Mall, na Av. Olegário Maciel, nº 1669, no bairro de Lourdes, em Belo Horizonte.

Zótika

contato@zotika.com.br
5ª Avenida - Savassi - BHZ
(31) 3281-0309 (31) 3261-6665



RECEITA DA SEMANA

Tem horas que a coisa aperta, a grana tá curta para sair e o jeito é se virar com o que você tem em casa. O mais comum é pegar tudo o que sobrou na geladeira e arriscar um "mexidão", mas essa receita nós vamos deixar para a próxima edição. Desta vez, a sugestão será um macarrão com atum e alcaparras, e espero que você tenha estes ingredientes em casa. Se não tiver, corre lá no supermercado e vai comprar, porque é baratinho.

Você só vai precisar dos seguintes:

- um pacote de 500 gr. de macarrão tipo linguine ou talharim, preferencialmente;
- 2 dentes de alho médios;
- 6 a 8 tomates médios ou 12 a 14 tomatinhos (ou uma caixa de molho de tomate de 400 ml)
- algumas folhas de manjeriço;
- uma colher de manteiga;
- sal e pimenta a gosto;
- queijo parmesão ralado.

Cozinhe o macarrão pelo tempo definido no pacote (varia de 5 a 14 minutos). Frite o alho picado na manteiga até começar a dar uma pequena "dourada", junte os tomates picados (ou o molho) e deixe ferver por aproximadamente 20 minutos, juntando água em quantidade necessária, sem deixar muito grosso e tampouco ralo. Junte o sal e a pimenta. Ao final, coloque as alcaparras e o atum. Se utilizar um pacote de 500 gr. de macarrão, usará aproximadamente duas colheres de chá de alcaparras e uma lata de atum. Em menores quantidades, colocar a proporção adequada. Ao servir, polvilhe o macarrão com queijo parmesão.